

ESPORTE E CIVILIZAÇÃO NA MODERNIDADE

Carlos José Martins

RESUMO

Este pôster busca circunscrever um panorama da constituição e função do esporte na modernidade. Desta forma, procura circunscrever sua correlação com outros processos sociais em curso no mesmo período, em particular, a constituição do Estado Moderno e o advento de práticas disciplinares de controle corporal. Tal empreitada toma como parâmetro sua relação com o processo civilizador, bem como os modos pelos quais as tensões pulsionais equacionaram a possibilidade de controle e descarga neste contexto. Para tanto, este trabalho toma como referências a obras de Norbert Elias, Michel Foucault e afins.

Palavras chave: Esporte. Modernidade. Disciplina. Biopolítica.

ABSTRACT

This study tries to circumscribe a comprehensive overview of the makeup and function of Sport in the Modern area. In this manner, the study hopes to circumscribe the correlation of sport with other social processes in course in the same period, in particular, the composition of the modern State and the advent of disciplinary practices of body control. The research uses as parameter the relation of sport with the civilizing process, as well as the ways through which pulsing tensions equate the possibility of control and discharge in this context. This study uses as references works of Norbert Elias, Michel Foucault e other related authors.

Key Words: Sport. Modern Area. Discipline. Biopolitics.

RESUMO

Este ensayo pretende circunscribir un panorama de la constitución y función del deporte en la modernidad. De esta manera, trata de circunscribir la correlación del deporte con otros procesos sociales en curso en el mismo período, en particular, la constitución del Estado Moderno y el advenimiento de prácticas disciplinares de control corporal. La investigación toma como parámetro la relación del deporte con el proceso civilizador, como también los modos por los cuales las tensiones pulsionales elaboraron la posibilidad de control y descarga en este contexto. El trabajo utiliza como referencias las obras de Norbert Elias, Michel Foucault y otros autores relacionados.

Palabras-clave: Deporte. Modernidad. Disciplina. Biopolítica.

O esporte tal como o conhecemos hoje, bem como o estilo de vida a ele associado não existiram na humanidade desde sempre, como quer fazer crer certa voga que circula entre nós alegando as suas supostas origens na Grécia antiga, um obscurecimento durante a idade média (chamada idade das trevas) e seu vigoroso renascimento no século XIX com o movimento olímpico capitaneado pelo Barão de Coubertin. Contudo, as práticas que precedem o esporte antes de nossa era moderna

aparecem quase sempre vinculadas às esferas rituais, religiosas e/ou marciais, bem como comporta um nível de tolerância com a violência totalmente inadmissível para os tempos de hoje. É apenas durante a emergência do mundo moderno, como parte constitutiva fundante de sua cultura, que o esporte surge como esfera autônoma, laica e, doravante, cada vez mais especializada e influente em nossas vidas.

Segundo o sociólogo Norbert Elias, o surgimento do esporte moderno na Inglaterra no transcurso dos séculos XVIII e XIX e sua progressiva expansão em nível global, expressa um dos fenômenos emblemáticos do que o autor chamou de *Processo de civilização*. Tal transformação social tem como uma das principais características a progressiva capacidade de domínio e autocontrole das práticas e atividades físicas de confronto em que o grau de exercício da violência é minimizado a níveis aceitáveis, bem como a excitação provocada pela tensão dos embates é sustentada em níveis satisfatórios e com duração suficiente de modo a propiciar sensação de prazer na sua fruição. Por essa razão, o homem moderno vai conferir ao esporte um lugar de destaque ao lado do desenvolvimento de processos regrados e pacificados de solução de conflitos e embates políticos tais como o monopólio do exercício da violência pelo Estado e a parlamentarização da disputa pelo poder. Tais processos são contemporâneos. Vale dizer, para Elias estas significativas aquisições para o processo de civilização não podem ser dissociadas. Tanto no plano macro como no plano micro os esportes e os demais dispositivos institucionais de regulação e domínio da violência e do uso do poder são fundantes da sustentação disso que o autor chama de civilização. Portanto, um mesmo *habitus* é, ao mesmo tempo, manifestado e formatado nesses diferentes campos de práticas heterogêneas entre si.

É também quanto à sua dinâmica que nosso autor vai estabelecer características significativas do esporte moderno. No entender de Elias, “o esporte é uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige certo tipo específico de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que regulam os limites de exercício da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem o grau e o modo da força física que pode ser aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar das provas.” (ELIAS, 1992, p. 230)

Tendo como traço característico marcante esse difícil equilíbrio regulatório onde o *descontrole-controlado* do exercício da força física produzindo níveis tão aceitáveis quanto desejáveis de excitação somática prazerosa, faz do esporte moderno uma das práticas culturais mais bem sucedidas no controle da instável dinâmica entre os investimentos dos impulsos agressivos e sua regulação em limiares não apenas toleráveis, mas agradáveis e sustentáveis de exercício em termos sociais.

Deste modo se implanta, tanto no nível individual quanto no coletivo, “uma liberação controlada das emoções” que está na base da função do esporte na civilização ocidental: compreende-se aí o papel da busca das tensões no lazer, que permitem liberar afetos, e, sobretudo, impulsos agressivos, em um contexto tal, que a violência se encontra contida pelas regras em um espaço-tempo limitado. O esporte aparece assim como o lugar por excelência desta elaboração “civilizadora”, que transforma em autocontrole os constrangimentos exteriores que visam represar a violência. Ele ilustra notavelmente a transformação progressiva da “economia emocional”, relativa a uma pacificação do mundo social, que desloca para a interioridade individual a regulação das tensões, a censura dos afetos e dos impulsos agressivos.

Disciplinas corporais

Mais ou menos na mesma época, como uma outra vertente de constituição da modernidade emergem uma série de disciplinas corporais com vistas a docilizar os corpos e torna-los úteis aos novos desígnios da vida moderna. Tais disciplinas visavam tanto os corpos dos indivíduos quanto o corpo social constituído a partir de então como população. Consideradas em seu conjunto enquanto técnicas de governo e como condição fundamental de estruturação do Estado moderno, estas disciplinas foram nomeadas pelo filósofo francês Michel Foucault para caracterizar o poder na modernidade como biopolíticas (MARTINS, 2006). Para os fins que nos interessam, destacaremos aqui o surgimento no curso do século XIX da ginástica e da educação física como tecnologias de conformação dos corpos à nova ordem social emergente. Curiosamente estas práticas surgem em oposição às artes populares do corpo - como o funambulismo, o circo e os jogos tradicionais – reclamando para si um caráter racional, científico e utilitário que, por sua vez, negam as antigas artes populares sob as quais, na verdade se apóiam.

No curso do século XX a ginástica científica, tornada educação física e o esporte tendo agregado a si o valor do status olímpico vão se articular de diferentes maneiras constituindo um mesmo *habitus* para configurar o que nós hoje reconhecemos como um “estilo de vida esportivo”. Tal estilo deu ensejo há inúmeras formas de expressão, indo do higienismo e da eugenia às formas aeróbicas mais globalizadas de consumo (Cooper, jogging, aeróbica a la Jane Fonda).

Todavia, como nos ensinou Freud (FREUD, 1974), toda renúncia pulsional advinda da inibição e disciplinamento de nossos impulsos somáticos pelo processo civilizatório tem o seu preço – produz mal estar, tal é o caso paradigmático, por exemplo, do sofrimento neurótico. De acordo com o pai da psicanálise, encontramos desafiados constantemente pela necessidade de procurar criar *soluções de compromisso* de modo a dar vazão ao acúmulo da tensão pulsional represada sob pena desta se voltar contra os próprios sujeitos através de manifestações patológicas que podem ser tanto individuais quanto coletivas. Para tanto, lançamos mão de diferentes mecanismos de sublimação e catarse. Entre estes podemos destacar as variadas formas de prazer estético e artístico conhecidas e, para o nosso caso particular, as artes corporais que, como o esporte, podem combinar de forma especialmente vantajosa tanto sublimação quanto catarse, otimizando tanto a descarga das tensões acumuladas quanto o prazer mimético de sua prática. Portanto, seria esta forma de estilização do uso da força na existência privilegiada por Norbert Elias em suas pesquisas sobre o papel social do esporte e do lazer na vida moderna (ELIAS, 1992).

Controle x descontrolo

Entretanto, seria preciso lembrar que, para bem e para mal, nas frestas e nas franjas desses processos algo sempre foge e sempre escapa dado que os mesmos não são infalíveis, nem mesmo irrevogáveis. Por um lado, como uma espécie de avesso deste agradável e prazeroso *descontrole-controlado* das excitações e emoções que os esportes e lazeres nos proporcionam, novos avatares se colocaram com o advento crescente da popularização, profissionalização ramificada e massificação consumista de um estilo de vida atlético e esportivo. Os avanços do mercado de serviços e técnicas de modelagem corporal, a indústria bioquímica, a biotecnologia associados às exigências cada vez mais minuciosas de controle das funções e formas corporais produz também, no extremo oposto, um *controle-descontrolado* e até mesmo patologizante. O aparecimento em escala cada vez mais significativa de uma série de compulsões ligadas aos obsessivos cuidados com o corpo na contemporaneidade parece indicativo de tal fenômeno. As já

conhecidas *bulimias* e *anorexias* ligadas ao controle e a estimulação cada vez mais intensos que viemos impondo à função alimentar - controle rigoroso da ingestão de calorias, dietas a mancha, consumo de inibidores de apetite (o Brasil é campeão mundial de produção e consumo destas drogas) - sobretudo, mas não só, em determinadas profissões (vide os exemplos extremos de modelos que vieram a falecer por essa razão). Mais recentemente a aparição da *vigorexia* nova patologia ligada, por sua vez, à compulsão de fazer exercícios físicos até à exaustão sob pena de causar sérios danos às articulações, ligamentos e músculos pelo desgaste excessivo que lhes é imposto. Tais exemplos dão conta da delicadeza e da gravidade do problema. Em todo caso, trata-se da dificuldade de se encontrar um equilíbrio entre a capacidade de dar vazão e de controlar nossas pulsões corporais.

Por sua vez, o corpo do atleta olímpico na contemporaneidade muitas vezes se confunde com os extremos do próprio mundo que o engendrou. É ele mesmo a trama aguda e concentrada dos traços emblemáticos deste mundo. Uma espécie de complexa “courageira” muscular orgânica produzida por toda uma engenharia politécnica do treinamento esportivo. Uma mistura de protótipo da racionalidade científica, cobaia tecnológica de alto luxo e arquétipo instrumental do homem contemporâneo. Podemos recordar a marcante figura da atleta norte americana Florence Griffith Joyner nas olimpíadas de Seul em 1988. Na Coreia a atleta atingiu o auge: venceu três provas - os 100 m, os 200 m rasos e o revezamento 4 x 100 m rasos - e foi prata nos 4 x 400 m rasos. Nos 200 m rasos, ela chegou a quebrar o recorde mundial duas vezes em um período de uma hora e meia. A velocista é até hoje, 21 anos depois, detentora dos recordes mundiais dos 100m e 200 m rasos. Nesta que foi a última olimpíada da guerra fria, a desportista chamou a atenção não só pelas fabulosas marcas que atingiu e pelo extravagante modo de se trajar, mas também pela avantajada musculatura que adquiriu num período muito curto de tempo. Tal musculatura era tão extraordinária, mesmo para os padrões atléticos femininos, que só era comparável ao padrão masculino, ou, às fisiculturistas reconhecidamente usuárias de anabolizantes.

Após o seu fabuloso desempenho em Seul, abandona subitamente o esporte para se dedicar às carreiras de atriz e escritora. Dez anos depois, em 1998 aos 38 anos de idade, tem morte cercada de controvérsias e do fantasma dos efeitos colaterais advindos do uso de doping, muito embora nada tenha sido comprovado.

Esporte e Cultura

Norbert Elias não se furtará a construir uma rigorosa aproximação entre o fenômeno cultural do esporte e outros campos da cultura, em especial o da arte. Para tanto, evocará nada menos que o nome de Aristóteles em sua obra intitulada *Poética*, onde pela primeira vez teriam sido tematizados os dois principais conceitos com os quais pretende empreender suas análises. Quais sejam: os conceitos de *mimese* e de *catarse*.

De acordo com o pensador alemão, o quadro imaginário do esporte como uma modalidade de luta que é, encontra-se, enquanto tal, relacionado, em que pese a diferença entre os mesmos, com as lutas reais e os combates da vida hodierna. Por conseguinte, depreende-se que o desporto é uma *imitação* dos combates da vida real. Segue-se que nosso autor reivindica um tratamento relevante do problema da *imitação* neste campo tal como acontece no contexto da arte. Para tanto, evoca a passagem da *Poética* de Aristóteles que da conta do que seria o problema da imitação na tragédia grega. Neste particular destaca a seguinte frase do filósofo grego: “A tragédia é uma imitação não dos seres humanos, mas da ação e da vida, da felicidade e da miséria”

(ELIAS, 1992, p. 126). Seria nesta direção que o autor acredita encontrar uma significativa ressonância com o problema mimético das práticas desportivas, pois teriam sido justamente nos estudos de Aristóteles sobre as ocupações de lazer dos atenienses que o filósofo criara os conceitos de *mimese* e de *catarse*, considerados por Elias os dois conceitos mais fecundos para dar conta dos problemas neste campo de investigações. Com efeito, o quadro do desporto destinar-se-ia a movimentar, a estimular emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem os riscos e as tensões desequilibradas que podem frequentemente estar relacionadas com outras situações da vida. Vale dizer, trata-se de uma excitação mimética que pode ser fruída e apreciada proporcionando um efeito libertador e catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada à contenda imaginária contiver, como frequentemente acontece, elementos de ansiedade, medo ou desespero. Pensemos por exemplo, no famoso *Maracanazo* na final da copa do mundo de 50 quando a seleção brasileira sofreu a derrota para o Uruguai no estádio do Maracanã lotado depois de começar vencendo a partida que só precisava empatar; em 98 na França com o “amarelaço” de Ronaldinho e nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues que muitas vezes se revestem da aura de tragédia.

Todavia, nosso autor observa (ELIAS, 1992) que ainda que o esporte partilhe com muitas outras práticas culturais este *caráter mimético*, apresentaria singularidades e diferenças em relação a elas e, em especial, com relação às artes, tendo em vista o papel preponderante representado nos desportos pelas lutas entre seres humanos em sentido estrito. Em outros termos, em todas as formas de desporto, os seres humanos lutam entre si direta ou indiretamente. Certas formas de esporte nas quais os propósitos assemelham-se largamente com as de um confronto real entre grupos rivais, comportam uma tendência muito acentuada para desencadear emoções e para provocar excitação. Por esta razão, elas representam um exemplo particularmente vigoroso de um dos principais problemas de muitos desportos: como conciliar, por meio dos objetivos do desporto, duas funções contraditórias – por um lado, o prazer de desencadear sentimentos humanos, a evocação plena de um sentimento agradável, e, por outro, a conservação de um conjunto de dispositivos de vigilância para manter o agradável descontrolado de emoções sob controle.

As coisas se passariam de forma análoga com o conceito de *catarse*. Os confrontos do desporto permitem alcançar a vitória sobre os adversários por meio de uma luta física sem provocar – guardadas as devidas proporções – grandes danos físicos. Ademais, com frequência, o desfecho da descarga de tensão do confronto e o esforço para atingir a vitória podem ter um efeito eufórico e purificador. Tal seria, por conseguinte, o efeito curativo relacionado ao fenômeno esportivo quando as condições adequadas para tanto estiverem dadas.

Considerações finais

O esporte encontra seu lugar singular no contexto da modernidade na medida em que a disseminação de sua prática encontra ressonância com questões constitutivas que ferem o cerne da modernidade. Vale dizer, a capacidade de ao mesmo tempo possibilitar o controle e a descarga da ordem pulsional tanto em nível individual quanto coletivo. Sua emergência, expansão e consolidação indicam seu sucesso satisfatório. Não obstante, tal equilíbrio permanece instável e sujeito a vicissitudes. Nunca é uma conquista em definitivo e irreversível.

A constituição do Estado Moderno e o monopólio do uso legítimo da força são pilares fundamentais neste empreendimento. No entanto, uma rede de práticas é

necessária para disseminar e colmatar este processo no interior do campo social e de cada indivíduo. Procuramos circunscrever a particularidade das práticas esportivas em relação com outras práticas no conjunto do panorama moderno.

Para autores como Freud e Elias, os planos ontogenético e filogenético encontram-se imbricados no conjunto desta dinâmica. Em outras palavras, Cada indivíduo percorre a seu modo, em duração mais breve, o processo de civilização percorrido pelo conjunto da sociedade. Assim como, a história de uma sociedade se reflete na história interna dos indivíduos. O que estes autores tomam a sério como objeto de investigação são as maneiras de gerenciar as funções somáticas no interior das diferentes sociedades e culturas. Suas pesquisas demonstram que funções supostamente “naturais” são modeladas histórica e socialmente.

Portanto, entendemos caber aos pesquisadores nesta seara de problemas procurarem descrever as diferentes configurações assumidas pelas práticas esportivas em ressonância com seu contexto sociocultural. Desta maneira, pode-se aferir de maneira mais precisa o grau de adequação de cada uma destas soluções de compromisso tanto no plano da sua psicogênese como no da sua sociogênese.

Bibliografia

- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FREUD, Sigmund “O mal-estar na civilização” (1930). Tradução: José Otávio de Aguiar Abreu. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GEBARA, Ademir. Norbert Elias e a Teoria do Processo Civilizador: A contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, H. T. (org.) **Temas sobre Lazer**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- MARTINS, Carlos José. A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault In: **O Legado de Foucault**. São Paulo : UNESP, 2006, v.1, p. 177-198.
- VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciência dos Esportes**. Campinas, v.25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

carlosjmartins@hotmail.com